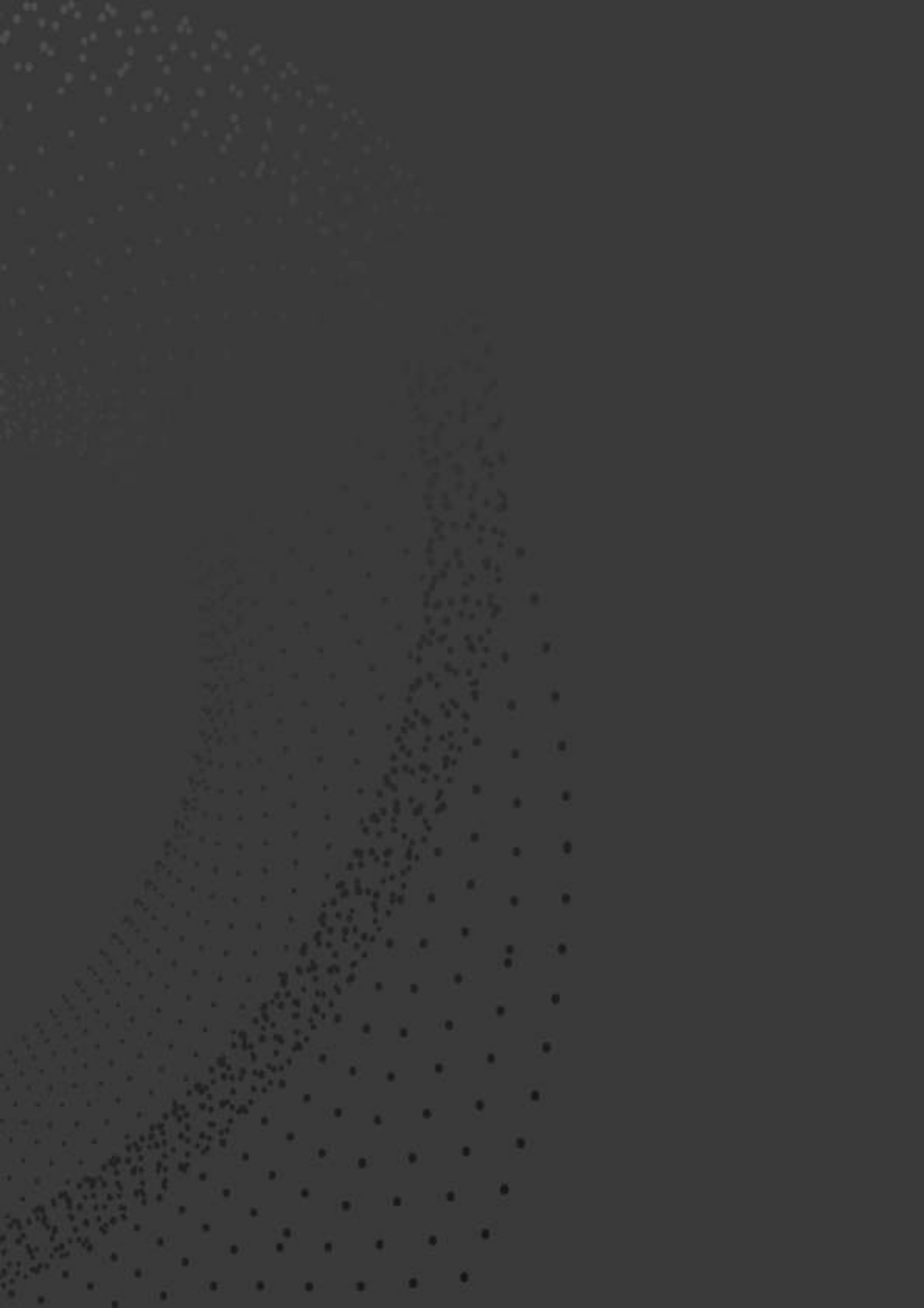


***ATAS DO  
XI CONGRESSO  
SOPCOM:  
COMUNICAÇÃO,  
TURISMO E  
CULTURA***





<b>Título</b>	XI Congresso da SOPCOM: Comunicação, Turismo e Cultura
<b>Editores</b>	Samuel <b>Mateus</b> ; Joaquim <b>Pinheiro</b> ; Mario <b>Franco Barros</b>
<b>Assistente Editorial</b>	Mónica <b>Rodrigues</b>
<b>Design</b>	Marco <b>Câmara</b> - Gabinete de Comunicação e Marketing (GCM) da Universidade da Madeira
<b>ISBN</b>	978-989-99840-8-0 Março, 2021 © <i>O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização da publicação de imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores</i>
<b>eBook</b>	724 páginas
<b>Edição</b>	SOPCOM/ Universidade de Madeira

*Todos os textos que integram este volume foram submetidos a arbitragem científica. Cada autor teve liberdade para seguir, ou não, o Acordo Ortográfico de 1990 da Língua Portuguesa.*

# CORPO E PALAVRA, MEDICINA E RETÓRICA: INTERTEXTUALIDADES<sup>1</sup>

## BODY AND WORD, MEDICINE AND RHETORIC: INTERTEXTUALITIES

Joaquim Pinheiro<sup>2</sup>

### Resumo

Nos tratados médicos antigos, existe uma preocupação com o estilo e a *dispositio* do discurso. Esse facto deve-se, por exemplo, ao carácter didáctico desses textos e à preocupação em os tornar perceptíveis para o leitor. É, no entanto, objectivo do nosso trabalho apresentar vários exemplos de processos de similitude entre a arte médica e a arte retórica, ou seja, como se interpenetram no discurso o poder da palavra e o efeito dos princípios médicos, tomando como ponto de partida as palavras de Górgias no *Elogio a Helena* (14). Para justificar a atitude de Helena e desconstruir a teoria dos que a acusaram em poemas, Górgias enfatiza a força persuasiva da palavra. Nesse sentido, um dos elementos de reflexão do nosso trabalho será demonstrar que o efeito da palavra pode ser imprevisível, no bom ou mau sentido, não detendo o orador um domínio total da situação. Tanto na palavra como no corpo o domínio não é total. Por isso, corpo e palavra têm elementos em comum que alguns autores antigos aproximam por meio de metáforas ou outras figuras de estilo. Sobretudo entre autores da retórica grega, faremos uma selecção de textos a interpretar, explorando os elementos enunciados, de forma a reflectir sobre a problemática da *techné* retórica clássica, que se mantém actual nos nossos dias, em formas e meios distintos.

**Palavras-chave:** Palavra; Corpo; Retórica; Medicina; Intertextualidade.

### Abstract

In the ancient medical treatises, there is a concern with the style and *dispositio* of the speech. This fact is due, for example, to the didactic nature of these texts and the concern to make them noticeable to the reader. It is, however, the objective of our paper to present several examples of processes of similarity between medical art and rhetorical art, that is, how the power of the word and the effect of medical principles interpenetrate in the discourse, taking as a starting point the words of Gorgias in the *Encomium to Helen* (14). To justify Helena's attitude and deconstruct the theory of those who accused her in poems, Gorgias emphasizes the persuasive power of the word. In this sense, one of the elements of reflection of our work will be to demonstrate that the effect of the word can be unpredictable, in the good or bad sense, without the speaker having a total control of the situation. Both in word and in body the domain is not total. Therefore, body and word have elements in common that some ancient authors approach by means of metaphors or other figures of style. Especially in Greek rhetoric, we will make a selection of texts to be interpreted, exploring the enunciated elements, in order to reflect on the issue of classical rhetorical *techné*, which remains current today, in different ways and means.

---

<sup>2</sup> Universidade da Madeira, Funchal, Portugal; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (Universidade de Coimbra); e-mail: joaquim.pinheiro@staff.uma.pt

**Keywords:** Word; Body; Rhetoric; Medicine; Intertextuality.

Como o título deixa prever, o tema do nosso trabalho visa reflectir sobre as interacções textuais entre medicina e retórica. Circunscreveremos a nossa breve análise a uma selecção de textos de sofistas e oradores gregos, mas gostaríamos, antes disso, de esclarecer alguns aspectos sobre a relação entre retórica e medicina, bem como várias perspectivas metodológicas que podem ser seguidas. Desde logo, convém referir que este tema decorre da matéria de estudo do Projecto de Investigação “Gynecia: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia”. Rodrigo de Castro Lusitano (c.1546-1627/29?) foi um médico português, de origem judaica, que editou, em Hamburgo, a obra *De uniuersa mulierum medicina (Medicina geral [das doenças] das mulheres)*, o primeiro tratado sobre ginecologia escrito por um autor português. Nesse tratado médico, explora questões de fisiologia e anatomia, embriologia, concepção, sexo, gravidez, aborto, infertilidade, parto ou seres monstruosos, de forma muito documentada, revelando, como era habitual entre os eruditos do seu tempo, um conhecimento aprofundado da tradição médica e da própria forma de narrativa científica, ou seja, dominava os princípios de apresentação retórica. Pela leitura do prefácio, resulta óbvia a relação entre retórica e medicina, senão vejamos<sup>3</sup>:

Hipócrates, porém, trata desta matéria com a gravidade que lhe é costumeira, tão difícil e algo obscura; alguns dos autores mais recentes, de forma demasiado insuficiente; outros, além de terem falhado em muitos aspectos, debatem sobre muitas matérias de forma tão prolixa que a eles podemos dizer com razão o que outrora os Lacedemónios disseram aos legados de Samos: “Esquecemo-nos da primeira parte do vosso discurso e não compreendemos a última parte porque nos esquecemos da primeira.”. E é sem dúvida pela mesma razão que acontece amiúde que, quando os aprendizes lêem as causas nas obras destes autores, não se recordam da essência da doença; quando lêem os sintomas, não se lembram das causas. Decorre daqui que nem são capazes de se encarregar correctamente da avaliação, nem de estabelecer o tratamento, como é conveniente, e terminam a leitura desses autores saciados de palavras, mas não menos famintos de informações do que quando começaram. Gera, além disso, uma confusão que não é pequena o facto de para muitos não ser suficiente acrescentar a referência aos autores, mas sim inserir uma e outra vez, sem proveito, páginas inteiras dos mesmos, reescrever com frequência o mesmo tratamento e juntar tal amálgama de remédios que é extremamente laborioso separar as flores dos cardos. E mais: não é sem o máximo prejuízo, gasto e tédio para os doentes que os médicos incautos costumam usar com extraordinária frequência estes em vez daqueles. Uns (como se costuma dizer)

---

<sup>3</sup> A tradução citada resulta do trabalho de edição, tradução e comentário ao referido tratado de Rodrigo de Castro, com coordenação científica de Cristina Santos Pinheiro (Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos da FLUL). Naturalmente que na publicação integral do tratado este texto poderá apresentar algumas diferenças. O sublinhado na citação é da nossa autoria.

até dançam com muita arte, mas fora da roda, enquanto misturam historietas e outras muitas coisas de forma nada oportuna (eles próprios saberão se com a finalidade de impressionar) que nada têm a ver nem com o tratamento, nem com uma melhor aclaração do assunto.

Por último, a maioria considera que desempenha de forma admirável o seu dever ao inserir um versito grego em vinte versos latinos, mas talvez o façam para que se considere que as suas obras têm a vida e o génio em coisas que são menos entendidas por alguns, por terem aprendido, de Plínio, que os seres humanos acreditam menos naquilo que compreendem; contudo, em pouco imitaram o eloquentíssimo Galeno, que lemos ter sido extremamente competente na língua latina, mas não ter inserido uma única palavra latina nas suas obras.

Além disso, a maior parte daqueles que se apoiam demasiado na língua de Roma e numa dicção ornamentada, enquanto se esforçam por parecer particularmente eloquentes, conseguem logo na primeira impressão a desvantagem de parecerem pouco médicos. É que as coisas que, ditas de outro modo, seriam úteis, quando ditas com palavras abundantes, fazem com que eles menos brilhem, ao contrário do que pensam, porque, do mesmo modo que a força de um medicamento se perde no meio de uma multiplicidade de coisas que a reprimem, assim acontece à útil doutrina, graças aos obscuros ornamentos das palavras. Estes autores, contudo, apreciam mais a eloquência do que o bem dizer e, ainda que falem mal de noite e de dia, têm, ainda assim, pavor de falar de forma menos elegante. Mas a verdade não quer ser ornamentada, nem tudo o que é óptimo e belo tem necessidade do embelezamento ou da ornamentação do discurso, e convém mais aos sábios falar de forma adequada do que falar eloquentemente e procurar mais a verdade da causa do que o embelezamento do discurso.

Quantas vezes os vires a execrar a infelicidade daqueles tempos em que floresceram Avicena, Rasis, Averróis, Mesué e quem quer que siga a doutrina dos Árabes – deve ser deve: embora ninguém mais bem do que eles tenha compreendido os princípios de Hipócrates e de Galeno; ainda que tenham encontrado para nós muitos e muito úteis medicamentos antes desconhecidos para outros; ainda que, agora mesmo, tenhamos tão poucos medicamentos que eles não tenham tido antes (apesar de esta época lhes retirar a glória merecida); escreveram, contudo, de forma pouco depurada e sem ornamento, facto que a presente geração considera um crime abominável, porque deseja uma explicação mais ilustre e retocada de todos os estudos – tanto mais justamente podemos condoer-nos da infelicidade do nosso tempo, em que os homens valorizam mais as palavras do que as próprias coisas, cujas causas foram descobertas. Mas todas as gerações se queixam do seu tempo. O que a boca dos eloquentes faz é ornamentar a sabedoria, mas era melhor conhecer as diferenças das coisas do que disputar com excessivo interesse sobre as palavras: e, a ser preciso comprometer alguma coisa, penso que mais vale nestas do que naquelas. Provou-se, com efeito, que os homens negligenciaram pela primeira vez os próprios factos, quando começaram a procurar com demasiado afinco as palavras, se acreditarmos em Galeno, a quem os mesmos, depois de adquirida a doutrina singular deste autor, admiram tanto mais pela elegância e pela composição do estilo.

Tendo em atenção as referidas falhas nesta parte da medicina, achei que a obra merecia o esforço e acabei por considerar, finalmente, que haveria de prestar um bom serviço ao género dos mortais, se, a partir do que foi dito de forma notável pelos escritores mais consagrados e do que eu próprio, por meditação frequente, muito estudo, máxima diligência e trato assíduo com os doentes, depreeendi que fosse verdadeiro, compusesse dois comentários, no primeiro dos quais abarcasse, de forma sucinta, mas cuidadosa, a teoria (ou: história natural) da mulher, e, no segundo, a prática das afeções das mulheres, não de forma tão breve que se sentisse a falta de algo mais ou se envolvesse o assunto em trevas, nem tão prolixamente que inchasse a página com ninharias empoladas e oprimisse os

leitores com laboriosa confusão, mas num estilo mediano e fácil e mais adequado para ser útil do que para persuadir, de modo que, se possível, onde [o estilo] mais carecesse de flores, aí gerasse maior quantidade de frutos. De facto, esta não é uma obra de eloquência, mas de medicina, e nela procuramos a utilidade comum e não a glória.

(...) É que não escrevi para desprezar os esforços árduos dos antigos, nem o empenho louvável dos mais recentes ou para reprovar o que, sobre esta matéria, é dito por outros, mas para que se torne mais claro o que nos outros é ou obscuro ou omissa ou confuso ou incorrecto.

Esta citação extensa resulta, em grande medida, do facto de nos parecer importante transmitir uma visão o mais alargada possível do prefácio do tratado, de modo a identificar algumas estruturas de sentido que denotam evidentes marcas retóricas, a saber: o cuidado com o tom próprio para um tratado com esta matéria ('gravidade'); a referência à tradição e como refuta ou segue o que outros escreveram; a quantidade de palavras não significa qualidade de informação; o objectivo de impressionar os leitores não deve subverter o objectivo científico e a sabedoria de um tratado de medicina; o *prepon*, o estilo e o equilíbrio da ornamentação devem ser qualidades do discurso. Saliente-se, sobretudo, que Rodrigo de Castro divide o seu tratado em duas partes: Primeira Parte (Natureza das mulheres; *Theorica*) e Segunda Parte (*Praxis*).

Esta *dispositio*, além de vários aspectos do conteúdo, como a preocupação com a referência e a classificação das fontes (por exemplo, a 'gravidade' de Hipócrates), a definição das matérias, a clareza da sua exposição, a forma como o leitor compreenderá a narrativa, além do próprio impacte que a exposição pode alcançar. Sublinhe-se, nesse sentido, a referência à possibilidade de o excesso de ornamentação ou a abundância de palavras poder adulterar o objectivo da verdade e do tom adequado para um tratado médico.

De facto, Rodrigo de Castro segue a tradição médica antiga, se tivermos em conta, por exemplo, as palavras iniciais do tratado sobre *As doenças das mulheres (gynaikeia)* de Sorano (I/II d. C.), um médico grego de Éfeso. Neste tratado de ginecologia, sublinhando a importância de se estabelecer as partes do tratado, refere Sorano que uns autores dividiram os seus tratados em duas partes, uma teórica e outra prática; outros preferiram distinguir os assuntos por aqueles que estão conforme a natureza ou contra a natureza; outros, ainda, em três partes: fisiologia, patologia e terapêutica. Pela sua parte, Sorano preferiu dividir a obra em duas partes, uma sobre as parteiras e outra sobre as tarefas que lhes competem desenvolver.

Também Galeno reflectiu sobre esta questão quando dividiu as artes em três ordens: as puramente teóricas, as figurativas e construtivas, e as manuais. Na *Exortação*, reformula as artes, colocando a medicina a par da lógica e da retórica, em que estas duas substituem a filosofia. Além disso, defende que para a formação do médico são fundamentais a educação gramatical e a retórica, sem desvalorizar a filosofia e a perícia médica. Por conseguinte, medicina e retórica ocuparam um lugar especial na *paideia* antiga, sinal do valor e reputação destas áreas. Em *Sobre os meus livros*, Galeno dedica uma parte a obras de interesse gramatical e retórico, mas interessa-nos sobretudo salientar o uso do vocábulo *logiatrós* que pode ser traduzido por “médico de palavra” ou médico da teoria/raciocínio”. Se para alguns Galeno seria um *logiatrós*, isso significa o uso correcto que ele faria do *logos*, com acribia e clareza, numa época, a da Segunda Sofística, marcada pela valorização da retórica. Mais controversa é a influência das teorias retóricas do estoicismo em Galeno, uma vez que, por um lado, renunciava à retórica e manifestava compaixão por aqueles que eram ludibriados pelo efeito retórico e, por outro, empregava os métodos da retórica, manifestando ter lido manuais de arte oratória<sup>4</sup>. Note-se que Celso, um enciclopedista romano, que escreveu sobre vários assuntos, entre eles a retórica e a medicina, denuncia, no prefácio do tratado *Da medicina*, o uso abusivo da *eloquentia* e da *lingua*. Por estes exemplos, comprova-se a relação estreita entre medicina e retórica. Este facto tem sido objecto de análise por vários estudiosos, merecendo realce os estudos de Jouanna, 1984 e Mattern, 2008.

Embora não se saiba, com total certeza, qual o destinatário dos tratados de médicos, haveria por parte dos autores um grande cuidado em os tornar perceptíveis para o leitor. Nesse sentido, a retórica é conscientemente um suporte para o *logos* médico. Num outro nível, encontra-se a relação comunicativa entre médico e paciente, desempenhando a retórica um papel muito relevante, até pela forma como muitas vezes explora as emoções que o estado de doença potencializa. A este respeito, recordo que Protágoras, por exemplo, desenvolveu uma sociologia do conhecimento, um meio para comparar juízos sobre valores morais e as suas consequências éticas, em que a verdade e a falsidade não eram relevantes. No *Teeteto*, Protágoras recorre a alguns exemplos para demonstrar que o *logos* mais fraco se torna o mais forte. De igual modo, o médico faz com que o alimento, amargo para o doente, se torne agradável, provocando, dessa forma, uma *metabole*. Na educação, o sofista faz com as palavras aquilo que o médico opera com

---

<sup>4</sup> Ver *Sobre as opiniões de Hipócrates e Platão* 1.204.

os *pharmaka*: substitui, não o falso pelo verdadeiro, mas a opinião mais fraca pela mais forte.

Pela variedade temática dos textos, percebemos que as perspectivas de análise da relação medicina-retórica podem ser diversas: o tratado de retórica que recorre ao campo da medicina para ilustrar a sua exposição; o autor do tratado médico que recorre aos conhecimentos teóricos e práticos da oratória; a relação conteúdo-ouvinte ou médico-paciente. Estas e outras perspectivas podem ser exploradas quando se procura a proximidade entre medicina e retórica. Esse é o objectivo principal do nosso trabalho: como se geram, numa selecção necessariamente pequena de textos, processos de similitude entre a arte médica e a arte retórica, ou seja, como se interpenetram no discurso o poder da palavra e o efeito dos princípios médicos. Tomando como ponto de partida Górgias<sup>5</sup>, e o seu conhecido encómio intitulado *Elogio de Helena* (DK 82 A 1, 4)<sup>6</sup>, cujo modelo de discurso se insere na actividade do sofista como mestre de retórica, torna-se evidente a analogia entre corpo e palavra, medicina e retórica. Do encómio, seleccionamos os seguintes textos:

A harmonia, para uma cidade, é a coragem dos seus cidadãos; para um corpo, a beleza; para uma alma, a sabedoria; para uma acção, a excelência; para um discurso, a verdade (*aletheia*), e os contrários destas coisas são formas de desarmonia. (1)

(...) com um só corpo, atraiu inúmeros corpos de homens que alimentavam grandes ideias de grandes feitos. (4)

Mas, se foi o discurso que a [Helena] persuadiu e enganou a sua alma, não será difícil defendê-la em relação a isso e libertá-la desta acusação. O discurso é um tirano poderoso que, como um corpo microscópico e invisível, executa acções divinas. Consegue suprimir o medo e pôr termo à dor e despertar e intensificar a paixão. Ora eu vou mostrar que isto é assim. (8)

A força do discurso em relação à disposição da alma é comparável às prescrições dos medicamentos em relação à natureza dos corpos. Assim como os diferentes medicamentos expulsam do corpo os diferentes humores e uns põem termo à doença e outros à vida, assim também de entre os discursos uns entristecem e outros alegram, uns amedrontam e outros incutem coragem nos ouvintes, outros há que envenenam e enfeitiçam a alma com uma persuasão perniciosa. (14)

No sentido de justificar a atitude de Helena e de desconstruir a teoria dos que a acusaram em poemas e discursos, Górgias enfatiza a força persuasiva da palavra. Da mesma maneira que Helena poderia enfeitiçar um homem pela beleza do seu corpo, pois o seu corpo atraía outros corpos, também a própria Helena não conseguiria resistir aos

---

<sup>5</sup> Discípulo de Empédocles que era médico e excelente orador. Górgias viveu 109 anos (c.485-380).

<sup>6</sup> Seguimos a tradução de Alves de Sousa & Pinto, 2005.

efeitos de um outro poder, a palavra. A persuasão do corpo ou da beleza é, assim, assemelhada ao efeito persuasivo da palavra. Corpo e palavra são, assim, poderosos agentes persuasivos. De facto, se o efeito da palavra pode ser imprevisível – a palavra é acção – seja no bom ou mau sentido, não detendo o orador um domínio total da situação, também a arte médica, apesar de se fundamentar em princípios científicos, recorre a tratamentos sem conhecer, em absoluto, o seu efeito. Há uma previsibilidade racional e científica das consequências do acto médico, mas há sempre uma incerteza inerente, uma vez que há receitas ou tratamentos, com efeitos distintos de indivíduo para indivíduo, até porque a natureza humana é diversa. Isócrates, no seu *Elogio a Helena*, reforça o efeito que a beleza exerce, mas que não deve merecer repulsa, antes é digno de louvor, enquanto expressão dos deuses. Para se aprofundar a analogia entre corpo e palavra, é fundamental lembrar que o próprio vocábulo grego *pharmakon*<sup>7</sup> (em tradução, ‘fármaco’, ‘medicamento’ ou ‘droga’) tem uma semântica paradoxal<sup>8</sup>, como Platão desenvolveu no *Fedro* 270b ss.: tanto pode servir para curar alguma doença, como provocar a intoxicação ou a morte de alguém, ou seja, ser um veneno. De forma semelhante se pode explorar o alcance da palavra, que em muito depende, por exemplo, do contexto e do destinatário. Qual o efeito da palavra? O que provoca o *pharmakon* no corpo? Também a este nível se entra num campo nem sempre verdadeiramente mensurável. Desde logo, porque medir o *pathos* não é tarefa simples. Afirmar-se que teve efeito, é relativamente fácil, mas saber-se qual a dimensão desse efeito pode tornar-se um desafio complexo, ainda que aliciante. Assim sucede com o corpo, em particular pela forma como os Gregos olhavam para a dupla dimensão: corpo e alma. Por diferentes teorias do pensamento, foram analisados como estando separados, juntos, cooperantes, independentes ou com hierarquias de poder distintas. O médico trata apenas o corpo? Nem sempre está plenamente consciente do que trata. E o campo de acção das palavras? Muito vasto, certamente, com um alcance nem sempre fácil de medir ou de prever. Segundo alguns filósofos antigos, aquela *techne* que conseguir atingir a *psyche* será a mais perfeita. Por conseguinte, o médico não cuida apenas do corpo, nem a comunicação do orador atinge unicamente o aparelho auditivo. Entender a natureza humana, desafio para a retórica e para a medicina, é penetrar na *psyche*. Nesta linha de pensamento, Isócrates, no discurso *Sobre a paz* 39-40, refere que

---

<sup>7</sup> As ocorrências de *pharmakon* nos Poemas Homéricos indiciam que existia um conhecimento da prática médica e da manipulação de drogas. De natureza ambígua, ele está associado a algo que faz bem e mal, que afecta o corpo, o humor e a memória.

<sup>8</sup> Vide *Teeteto* 166e-167d; para Platão, o conhecimento dos meios é imperfeito, se não se dispuser de um esclarecido discernimento dos fins.

os discursos por vezes têm de ser mais violentos ou duros quando se destinam a almas ignorantes e de má índole, tal como os médicos recorrem a todo o tipo de medicamentos para enfrentar as mais diversas enfermidades. Por conseguinte, é o destinatário a determinar a forma como se usa a palavra ou como se doseia o tratamento médico.

Por sua vez, Demóstenes, na *Oração da Coroa*<sup>9</sup>, questiona a utilidade que o engenho de um orador pode ter para a cidade, por fazer alusão a factos do passado. De seguida, introduz uma analogia com a medicina: esse orador é como aquele médico que vai à casa de um paciente e não lhe receita qualquer fármaco, mas que, depois de ele morrer, nas cerimónias fúnebres, ousa dizer que se ele tivesse tomado um ou outro medicamento não teria morrido. A analogia não carece de explicação, mas gostaríamos de enfatizar a ideia da palavra não-dita que merece uma interpretação pelo efeito consequente. Naturalmente que essa interpretação é polémica, uma vez que dificilmente poderemos comprovar que a palavra evitaria ou transformaria uma determinada acção. De igual modo, a intervenção médica tem um efeito ou uma consequência que pode ser atribuída a diversos factores.

Na verdade, os vários exemplos aduzidos demonstram a forma como vários autores gregos exploraram a similitude entre medicina e retórica. Infere-se que a reflexão sobre esta matéria é indissociável da elaboração filosófica. Com efeito, tanto na palavra como no corpo, o domínio não é total. Até é curioso que o orador por vezes espere pelo efeito mágico das suas palavras junto do ouvinte, como o médico aguarda também esse efeito supra-*techne*. Logo, a actividade do retor/orador é tão marcada pela incerteza como a do médico. Corpo e palavra têm, como vimos, elementos em comum que alguns autores antigos aproximam por meio de metáforas ou outras figuras de estilo. Como refere Diógenes Laércio, a medicina é benfeitora do corpo, tal como aqueles que usam a palavra e a ensinam realizam uma beneficência mediante os seus discursos. Na verdade, a metodologia aplicada à medicina, desde o conhecimento (*gignoskein*), ao discernimento (*diagignoskein*), à influência (*dynamis*) ou análise (*diairesis*), aplica-se ao processo retórico e à composição do corpo discursivo. Apesar de a história da medicina nos levar a perceber que a dimensão científica tem relegado a palavra para um plano secundário, a comunicação entre médico e paciente continua, sem dúvida, a desempenhar uma função muito relevante. De facto, são áreas cuja complementaridade enriquece e valoriza a dimensão humana.

---

<sup>9</sup> 243.

### **Referências bibliográficas**

Aristóteles (1998). *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Jouanna, J. (1984). Rhétorique et Médecine dans la collection Hippocratique. Contribution à l'histoire de la rhétorique au Ve siècle. *Revue des Études Grecques*, (pp.26-44). tome 97, fascicule 460-461.

Mattern, S. T. (2008). *Galen and the rhetoric of healing*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Alves de Sousa, A. A. & Pinto, M. J. V. (2005). *Sofistas, Testemunhos e fragmentos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.